

ARTIGO TÉCNICO

JULGANDO A MOVIMENTAÇÃO DO FILA BRASILEIRO

(A diversidade de procedimentos técnicos no julgamento da movimentação da Raça Fila Brasileiro em exposições caninas.)

CARLOS CHARALAMBE PANAGIOTIDIS

RESUMO

PANAGIOTIDIS, Carlos C. **Julgando a Movimentação do Fila Brasileiro:** (A diversidade de procedimentos técnicos no julgamento da movimentação da Raça Fila Brasileiro em exposições caninas). Brasília (DF). 2016.

O presente artigo visa propor técnica específica de julgamento da movimentação da Raça Fila Brasileiro em exposições caninas. O paradigma adotado na presente pesquisa é o da racionalidade técnica. O árbitro de exposições de cães de raças puras é um profissional técnico, um especialista que, rigorosamente, põe em prática: padrões, normas e regras técnico-científicas na tomada de decisões e julgamentos. Por tratar-se de pesquisa bibliográfica e documental, o método científico dedutivo, foi o método utilizado na análise e interpretação das fontes. Para a conclusão da presente pesquisa, foi utilizado o método da recomposição do que foi decomposto pela análise dos documentos. O Fila Brasileiro é um cão de trabalho, guarda e boiadeiro. Como característica rárca, o passo de camelo deve ser avaliado pelos árbitros. O trote evidencia qualidades e denuncia defeitos de construção anatômica. A técnica específica de julgamento consiste em movimentar o cão em: ida e volta a passo e ida e volta a trote em linha reta. Técnica de vista lateral, em círculo, a passo e a trote. Na impossibilidade de se tocar o cão, a avaliação do trote, pelo árbitro, torna-se imprescindível. A estreita relação entre a linha superior e a correta movimentação. Nas mesmas condições, comparativamente, o Fila Brasileiro melhor construído anatomicamente, será o que demonstrar, sempre, o menor esforço para executar os movimentos. Amble, movimento identificável, mas não característico da raça.

PALAVRAS-CHAVE

Técnica. Exposições. Fila Brasileiro. Passo de camelo. Trote. Amble. ⁱ

O autor é professor universitário aposentado. Graduado em História. Especialista em Metodologia do Ensino Superior. Além da docência, atuou como orientador de projetos de pesquisa e supervisor de estágios curriculares. Cinófilo desde 1978, criou a Raça Fila Brasileiro durante 26 anos, produzindo diversos campeões. Concomitantemente à criação da raça Fila, criou também, a raça Beagle durante 10 anos. Membro do Conselho Brasileiro da Raça Fila Brasileiro entre 1998 e 2001. Membro do quadro de árbitros da CBKC/FCI desde 1994. Árbitro de todas as raças (All Rounder) desde 2001. Endereço eletrônico para contato: kakodebrasil@uol.com.br

Brasília (DF), Brasil, maio de 2016.

INTRODUÇÃO

A compreensão da realidade do universo cinófilo, e mais especificamente do meio social das exposições caninas, exige reflexões. O árbitro de exposições de cães de raças puras é visto como um profissional técnico, mesmo que, como trabalho voluntário. O árbitro também é visto, pelo grupo social cinófilo, como um especialista que, rigorosamente põe em prática: padrões, normas e regras técnico-científicas na tomada de decisões e julgamentos. Desta forma o meio cinófilo constituiu um protocolo, um conjunto de técnicas e procedimentos para a avaliação de cães em exposições, e este protocolo é aceito pela comunidade cinófila internacional. Segundo o filósofo norte americano Donald Schon: “ *a atividade profissional consiste na solução instrumental de um problema feita pela rigorosa aplicação de uma teoria científica ou uma técnica* “ (SCHON, 1983, p.21).

A observação das exposições caninas, quer seja pela participação como espectador, expositor, dirigente cinófilo ou árbitro de exposições caninas confirma a existência de um conjunto de procedimentos na avaliação dos cães, consagradas pelo meio como as técnicas de julgamento e normatizadas pela Federação Cinológica Internacional, com sede na Bélgica. A norma geral de avaliação consiste na avaliação do cão parado, onde o árbitro avalia a tipicidade do exemplar correspondente ao padrão oficial de cada raça; o estado geral, incluindo o balanceamento ou equilíbrio estático; as corretas angulações dos membros pélvicos e torácicos; as corretas proporções da cabeça; do pescoço; do tronco, incluindo a correta construção da linha superior e inferior, da garupa e da cauda, além do exame dos dentes e dos testículos. Geralmente, os árbitros tocam os cães para facilitar sua percepção através do exercício desse sentido, comparando a imagem do cão real à sua frente com a imagem do cão ideal descrito no padrão oficial da raça, pois, “ *O conhecimento é constituído pelas imagens que o Homem adquire das coisas e de sua assimilação, conhecer é, portanto, apropriar-se do objeto de estudo, é construir a imagem dele na mente, é ter noção dele.* ”. (MARTINS, 2002.p. 59). Na Raça Fila Brasileiro o toque nem sempre é possível, exigindo do árbitro uma avaliação mais minuciosa da movimentação do cão, tendo em mente que, “ *As conformações e posicionamentos corretos desses itens compõem o que se denomina de uma boa estrutura corporal e, em consequência, proporcionam um bom balanceamento e uma movimentação correta, que, de maneira geral, é característica para cada tipo esquelético de acordo com a função que desempenha* ”. (Manual de Estrutura e Dinâmica/CBKC. 2013.p.131).

Em exposições no Brasil e pelo mundo, nota-se uma diversidade de técnicas no julgamento da movimentação dos exemplares da Raça Fila Brasileiro. Árbitros diferentes pedem que os exemplares executem o movimento do passo de camelo, ida e volta em linha reta e executem o trote em círculo, mas outros, pedem que os exemplares se movimentem apenas no trote, como as demais raças. Existem, ainda, árbitros que julgam a movimentação dos exemplares apenas a passo, como também existem árbitros que julgam os dois movimentos: passo e trote na ida e volta em linha reta e em círculo.

Diante disso, o presente artigo visa propor técnica específica de julgamento da movimentação da Raça Fila Brasileiro em exposições caninas. Considerando a premissa exposta acima de serem os árbitros, profissionais técnicos, a problematização apresentada no subtítulo da presente pesquisa torna-se relevante para o meio cinófilo na medida em que, compreendendo o significado da pesquisa como investigação, o autor propôs-se a seguir os mais rigorosos procedimentos de produção de conhecimento científico, assim concebido:

“ O conhecimento científico é aquele que vai além das experiências individuais sobre os fatos e usa a observação sistemática e a busca reflexiva das razões e das leis que determinam os fatos. O conhecimento científico fundamenta-se em princípios gerais válidos para todos os fatos para comprovar suas verdades, usando procedimentos de investigação que se firmaram como os mais eficientes, sendo por isso denominados métodos científicos”. (MARTINS. 2002. p.62).

Nessa perspectiva, a hipótese construída foi: Se podem ser observados diferentes procedimentos, de árbitros diferentes, nas suas técnicas de julgamento da movimentação da Raça Fila Brasileiro em exposições caninas, então podem existir, na literatura especializada referente à Raça Fila Brasileiro, argumentos técnicos que justifiquem essas diferenças.

A pesquisa aqui apresentada constitui-se em pesquisa bibliográfica e documental, oferecendo-se ao meio cinófilo e aos órgãos competentes da Confederação Brasileira de Cinofilia (CBKC) como instrumento teórico-prático. Para a construção do problema e da hipótese foi utilizado o método indutivo, que consiste em observar fatos particulares a serem estudados e como eles se apresentam na realidade, para formular hipóteses e descobrir quais são os princípios ou leis que os regem e que podem, se aplicados a outros, serem explicados. Na análise e interpretação das fontes consultadas foi utilizado o método científico dedutivo, que consiste na decomposição de um valor geral já conhecido, para se chegar a um valor que depende do valor anterior. Para a conclusão da presente pesquisa, foi utilizado o método da recomposição do que foi decomposto pela análise dos documentos.

Dentre as principais descobertas da pesquisa estão a desconstrução de mitos racionais relevantes e o movimento de locomoção não característico, mas identificável como “Amble”, que será abordado mais adiante.

A PESQUISA

O referencial teórico adotado na presente pesquisa é o da racionalidade técnica, portanto, seguindo rigorosamente a imparcialidade, a impessoalidade e a objetividade do conhecimento técnico-científico, o primeiro passo foi realizar o levantamento das fontes. Foi identificada uma farta literatura a respeito da Raça Fila Brasileiro como possível fonte documental. As fontes documentais constituem-se como origem de uma informação, especialmente para fins de investigação e produção de literatura acadêmica. Em historiografia (Ciência da História), essas fontes são chamadas de documentos históricos. Das fontes documentais levantadas, o presente artigo, identificou algumas fontes primárias (de primeira mão), cuja origem remonta à época que se está pesquisando,

frequentemente produzida pelas próprias pessoas estudadas. Desta forma, periódicos, documentos oficiais da CBKC, como os padrões da raça e o manual de estrutura e dinâmica do acervo documental do autor fazem parte de apêndice do presente artigo. Também houve levantamento de fontes em web sites como o da Sociedade Paulista do Fila Brasileiro, clube especializado, pertencente ao sistema CBKB/FCI e ao próprio web site da Confederação Brasileira de Cinofilia. A pesquisa em web sites, seguiu em alguns momentos, caminhos politicamente heterodoxos, portanto, desviada de princípios doutrinários.

Todas as fontes levantadas passaram por uma primeira leitura técnico-exploratória, que consistiu em um exame dos textos, considerando os mesmos princípios da racionalidade técnica. Tendo em mente o objetivo da pesquisa, alguns textos foram descartados, pois tratavam de outros assuntos. Outros textos foram descartados pela parcialidade doutrinária e pela pessoalidade de suas argumentações. Mesmo os artigos de opinião, comuns às matérias jornalísticas, devem apresentar, de forma clara e objetiva as referências bibliográficas ou as fontes de informação. Por isso, matérias jornalísticas de revistas especializadas, foram descartadas, pois, no que tange à movimentação da Raça Fila Brasileiro, reproduziam, sempre, a descrição do padrão oficial. Diversos textos encontrados na web, elevados à condição de artigos pelos seus autores, não passam disso: textos. Segundo CHALMERS (1993.pág.23), “ *A ciência é baseada no que podemos ver, ouvir, tocar, etc. Opiniões ou preferências pessoais e suposições especulativas não tem lugar na ciência. A ciência é objetiva. O conhecimento científico é conhecimento confiável porque é provado objetivamente.*”. Citado por GIL (2002. Pág. 168).

Apesar do rigor técnico em qualificar previamente as fontes de consulta, um texto de opinião, em especial, foi selecionado como fonte primária e será tratado na seção correspondente à linha superior do Fila Brasileiro.

A obra de VALLE & MONTE, que consta nas referências bibliográficas do presente artigo, contém 371 páginas divididas em 41 capítulos que abordam desde a História da Raça Fila Brasileiro, com as teorias que tentam explicar suas origens até a abordagem dos cuidados com a criação: alimentação, acomodação, reprodução e participação em exposições caninas, além de outros temas. A obra apresenta estudo objetivo e racional dos padrões vigentes até sua edição, portanto, até o padrão de 1976, aprovado no 1º Simpósio da raça em Brasília. Utilizando o método comparativo, os autores associaram representações gráficas e fotografias de cães da época à descrição do padrão oficial, com o objetivo de facilitar a compreensão do leitor da obra.

A construção das representações gráficas foi cuidadosamente elaborada com base na modelagem em cães reais da época. A cada modelo visualizado havia a indicação do cão real, com nome, idade e data da imagem. A preocupação dos autores em demonstrar como os estudos por eles realizados sobre a estrutura anatômica e a dinâmica do Fila Brasileiro poderiam ser prováveis, coerentes e consistentes fica clara em vários momentos do texto. No capítulo Osteologia, assim se referem à coluna vertebral do Fila Brasileiro:

“ A coluna vertebral do cão compõe-se de aproximadamente 50 ossos irregulares, ou vértebras, e são divididas em cinco grupos: cervicais, torácicas,

lombares, sacras e coccígeas. O número de vértebras coccígeas (cauda) é variável de raça para raça. (...) No Fila Brasileiro a coluna vertebral é idêntica à dos cães em geral, como pudemos observar em algumas exumações e autópsias. A particularidade poderia residir na cauda (vértebras coccígeas). (...) No Fila Brasileiro podemos contar 21 vértebras na cauda. Aliás, o número de vértebras, no cão, varia de 6 a 23, com uma maior frequência, em média de 20 vértebras.”. VALLE & MONTE (1981. PÁG. 154 e 155).

A descrição da coluna vertebral do Fila Brasileiro feita pelos autores coincide com a descrição apresentada no Manual de Estrutura e Dinâmica da CBKC de 1987, posterior à obra de VALLE & MONTE e desta forma, qualificando-a. Em outro momento do texto (páginas 164 a 168), que é de interesse da pesquisa, a movimentação do Fila Brasileiro, foi tecnicamente demonstrada pelos autores que utilizaram o método científico da experimentação.

Em uma fazenda, construíram uma caixa de areia e a molharam. O objetivo do experimento era fazer com que cães da Raça Fila Brasileiro se movimentassem pela caixa de areia molhada e assim, pudessem deixar marcas de suas pegadas na areia. Não se tratava apenas de observação, mas de registro do que a experiência pode revelar. A metodologia da experimentação foi planejada, executada, registrada e interpretada pelos autores de modo a confirmar o passo de camelo, característica típica da raça e o trote, movimento bípede em diagonal, conforme consta nas páginas 164 a 168.

VALLE e MONTE apresentam no final da obra, extensa referência bibliográfica, levando a comunidade acadêmica a aceitá-la como fonte confiável, conforme ficou demonstrada na dissertação de mestrado de Julian de Moura Dias de 2012, pela UFRRJ.

O Manual de Estrutura e Dinâmica da Confederação Brasileira de Cinofilia (CBKC), representa importante fonte de conhecimento técnico-científico a respeito da estrutura e dinâmica dos cães, destinado a árbitros, criadores e cinófilos em geral. A 4ª edição, de 2013, apresenta-se como uma atualização da edição de 1987 sob o ponto de vista da terminologia zootécnica e cinotécnica, com a ampliação e atualização das referências bibliográficas e uma readequação de sua estrutura textual de apresentação. O referido manual serviu de referencial técnico para as análises aqui demonstradas no que diz respeito à Raça Fila Brasileiro.

As duas obras citadas acima mostram-se coerentes entre si e permitem que seja admitida a descrição do Manual de Estrutura e dinâmica da CBKC como a mais adequada para o passo de camelo, movimento típico racial, da seguinte forma:

“Marcha ou Passo de “Camelo” O cão movimenta duas patas de um mesmo lado simultaneamente, como se fosse um par, para, em seguida, realizar o mesmo movimento do lado contralateral (...). Esse tipo de movimento normalmente acarreta um inútil dispêndio de energia pelo deslocamento lateral do centro de gravidade do cão, sendo, de maneira geral, um movimento de acomodação do animal quando cansado. Geralmente constitui falta, porém, pode ocorrer no Old English Sheepdog e é típica do Fila Brasileiro.”. (Manual de Estrutura e Dinâmica/CBKC. p. 129).

A obra de VALLE & MONTE descreve o mesmo movimento, resultado da experimentação na caixa de areia molhada acima referida e registrada na página 165. O

que deve ser observado, é a caracterização do movimento conhecido como passo de camelo, como um movimento lento de descanso e a simultaneidade dos membros do mesmo lado. Os autores relatam que, em suas propriedades, é comum observar o Fila Brasileiro alternando os movimentos: passo, trote e galope com grande facilidade. O passo de camelo, lento, para percorrer grandes distâncias; o galope para percorrer território de forma mais rápida e o trote como movimento intermediário.

Vale destacar que a obra foi publicada em 1981 e, portanto, após a publicação do padrão oficial de 1976 onde estava descrito, pela primeira vez, o passo de camelo. Nessa medida, torna-se necessária a avaliação desse movimento típico da raça em exposições caninas pelos árbitros, não havendo razões plausíveis para que o Fila Brasileiro não execute esse movimento. Nas exposições caninas, não se avalia o galope, apesar de descrito no padrão oficial.

SEÇÃO I – CLASSIFICAÇÃO DO FILA BRASILEIRO QUANTO À FUNÇÃO E TIPO.

Todas as raças caninas são classificadas pela Federação Cinológica Internacional (FCI), através de seu comitê científico, de acordo com suas funções, índole e tipos. A Raça Fila Brasileiro é classificada como um molosso do tipo Mastife, com utilidade definida como cão de guarda e boiadeiro e está inserido no grupo 2.

O Fila Brasileiro é um cão de trabalho, guarda de propriedades e boiadeiro. Desde suas origens, um tanto quanto incertas, pela não comprovação das diversas hipóteses construídas, mostrou-se sempre apto para o trabalho nas fazendas, na lide com o gado e na caça de grandes felinos. Os relatos dessas aptidões são fartos na literatura disponível, através de textos, depoimentos, jornais, revistas e livros. A vivência com a raça nos centros urbanos comprova suas aptidões de valentia e fidelidade como cão de guarda. Não obstante, é preciso ter em mente que para o exercício de suas funções deve, necessariamente, possuir correta estrutura. “ *Assim, o cão que se desloca da forma mais correta é aquele que vai ter o melhor rendimento na realização de suas tarefas e com o mínimo dispêndio de energia, havendo, portanto, uma íntima relação entre estrutura e movimentação.* ”. (Manual de Estrutura e Dinâmica/CBK. p.122).

A análise parte da lei universal da natureza que estabelece uma estreita relação entre a estrutura e a movimentação, que vale para todos os cães. Por esta lei, a correta construção anatômica de qualquer raça deve significar o mínimo de energia dispendida para a execução dos movimentos relacionados ao exercício do efetivo trabalho. Para que isso possa acontecer, há a necessidade de um perfeito balanceamento, ou seja, equilíbrio entre as angulações dos ossos dos membros torácicos e pélvicos, de uma resistente e corretamente construída coluna vertebral, de um encaixe apropriado dos ossos e, também, de bons músculos para a sua sustentação.

Com o Fila Brasileiro não é diferente, à exceção da região coccígea, o Fila Brasileiro possui os mesmos ossos e os mesmos músculos de todas as demais raças. O

arcabouço ósseo do Fila Brasileiro não é exclusivo dele próprio, assemelha-se aos molossos, também conhecidos como cães de frentes largas.

SECÃO II – ESTUDO DOS PADRÕES OFICIAIS NO QUE TANGE À MOVIMENTAÇÃO.

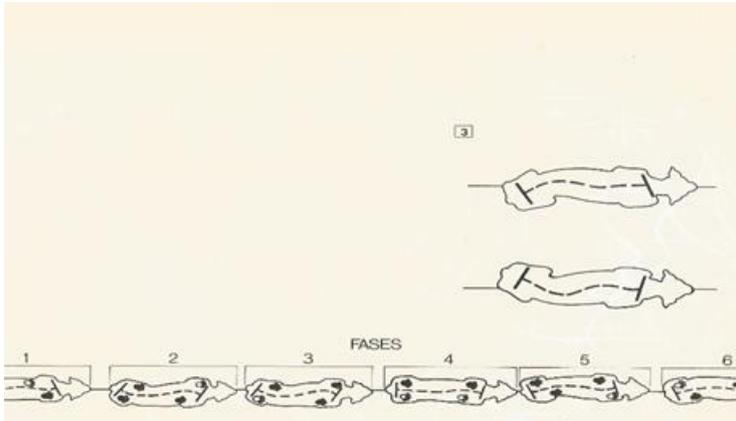
O conhecimento das alterações sofridas ao longo dos últimos 70 anos nos padrões oficiais permite reconhecer as próprias mudanças na Raça Fila Brasileiro nesse período. Para tanto, é preciso compreender o que significa o termo “Padrão Oficial”. Pelo exposto na seção I, a Federação Cinológica Internacional (FCI) possui órgão tecnicamente competente para estabelecer normas científicas relativas à criação e seleção de cães de raças puras.

“Relativamente à criação e seleção de cães de raça pura, todas as raças oficialmente reconhecidas pela FCI (e, por conseguinte, por ser afiliada a essa, também admitidas pela CBKC) apresentam o que se denomina de padrão racial que, de uma maneira geral, funciona como uma referência para a criação organizada à medida que descreve de forma detalhada as características consideradas ideais para cada uma delas. Quanto aos padrões raciais adotados pela FCI, cabe ao país de origem de cada raça, em colaboração com as Comissões de Padrões e Científica da FCI, a responsabilidade tanto pela sua elaboração quanto por eventuais modificações realizadas nos mesmos ao longo do tempo. Assim, no caso, por exemplo, das raças Fila Brasileiro e Terrier Brasileiro, em sendo o Brasil o país de origem de ambas, é facultada à CBKC tal responsabilidade.” (Manual de Estrutura e Dinâmica/CBKC. p.139).

O primeiro padrão oficial da Raça Fila Brasileiro foi elaborado em 1946, por Paulo Santos Cruz, Erwin Waldemar Rathsam e João Ebner, e aprovado pelo então BKC (Brasil Kennel Clube). No que tange à movimentação típica da raça, o padrão assim o descrevia:

“Movimentos: Passos largos, compassados e elásticos, aparentemente pesados, lembrando o dos felinos. Como principal característica, nota-se serem os movimentos gigantes e ondulantes. A passo lento e com a cauda erguida, esta acompanha o gingar do corpo, balançando-se da esquerda para a direita. Estando de cauda baixa, o gingar deve ser perfeitamente perceptível na garupa e costelas. O trote é fácil, suave, com grande alcance das pernas dianteiras, cobrindo bastante terreno com poucos movimentos. Quando a passo, em regra, o Fila Brasileiro, mantém a cabeça em posição abaixo da linha do dorso.”. (VALLE & MONTE. 1981. p. 73).

Pode-se concluir, pela análise da descrição, que este primeiro padrão não descrevia o passo de camelo, apenas o caracterizava como sendo lento, mas já descrevia o gingado perceptível na garupa e nas costelas. Nessa medida, o julgamento em exposições do passo de camelo na ida, em linha reta, o árbitro deve observar a correta execução do gingado e ao mesmo tempo, observar o correto paralelismo dos membros anteriores e posteriores, que será explicitado mais adiante. A figura 1, a seguir, ilustra o gingado, ou seja, o balanço lateral da coluna vertebral do Fila Brasileiro.



(Fig. 1. VALLE & MONTE. 1981. p. 168)

Após trinta anos da aprovação do primeiro padrão da Raça Fila Brasileiro, o então BKC (Brasil Kennel Clube), organizou o 1º Simpósio da Raça em Brasília. Do referido Simpósio resultou novo padrão oficial, referendado pelo Conselho Federal do BKC em 14.05.1976. O padrão oficial de 1976, assim descreveu a movimentação do Fila Brasileiro:

“ Movimentos - Passos largos, elásticos lembrando os dos felinos. Como principal característica, movimentam os dois membros de um lado para só depois acionar os do outro (passo de camelo), o que lhe dá movimentos gigantes com balanço lateral do tórax e dos quadris, acentuados na cauda quando está erguida. Quando a passo, em regra, mantém a cabeça em posição abaixo da linha do dorso. Trote fácil, suave, livre, de passadas largas, com bom alcance e rendimento. Galope poderoso no qual alcança velocidade insuspeita em cães de tal porte e peso. A movimentação do Fila é sempre influenciada por suas articulações, típicas dos molossóides, o que lhe dá não só a impressão, mas efetivamente lhe permite súbitas e rápidas mudanças de direção.”. (VALLE & MONTE. 1981.p. 75).

Pela primeira vez, o passo de camelo foi descrito, a elasticidade do passo foi mantida e o movimento gigante presente no primeiro padrão foi substituído pela expressão gigante, em referência ao gingado do Fila Brasileiro, decorrente do balanço lateral da coluna vertebral, mas o mais importante foi ter inserido a ideia de “súbitas e rápidas mudanças de direção”, por suas articulações típicas dos molossos. As súbitas e rápidas mudanças de direção são, portanto, facilitadas pela necessária presença de músculos dorsais e lombares bem desenvolvidos, além de ligamentos fortes da coluna vertebral, associada ao afastamento das escápulas. Os molossos, como o Fila Brasileiro, devem possuir costelas bem arqueadas, pois “ *alterações no diâmetro da caixa torácica desempenham um papel preponderante na estabilidade, no equilíbrio e, conseqüentemente, nas mudanças de direção e no balanço do cão em movimento.*”. (Manual de Estrutura e dinâmica. CBKC. p.76). Portanto, costelas pouco ou mal arqueadas dificultam as mudanças de direção. O galope foi descrito pela primeira vez como poderoso e veloz.

A descrição do trote em ambos os padrões, diferencia-se apenas na redação, o sentido é o mesmo. Todos os padrões oficiais posteriores repetem a descrição deste, como sendo fácil, suave, livre, de passadas largas, com bom alcance e rendimento. Apesar da redação sucinta, ela revela muito a respeito da correta, ou das falhas, de construção anatômica do Fila Brasileiro. O trote evidencia qualidades e denuncia defeitos.

Novo padrão oficial da Raça Fila Brasileiro foi elaborado e aprovado em 1983, em um congresso de âmbito nacional que reuniu mais de 30 criadores no Hotel Glória do Rio de Janeiro. O padrão 225/FCI, de 1º de janeiro de 1984, assim descreveu a movimentação:

“Passos largos, elásticos, lembrando os dos felinos. A característica, principal, é movimentar os dois membros, de um mesmo lado, para depois movimentar os do outro (passo de camelo); o que lhe confere movimentos gigantes, com balanço lateral do tórax e dos quadris, acentuados na cauda, quando está erguida. A passo, a cabeça é portada abaixo da linha do dorso. Trote fácil, suave, livre, de passadas largas, com bom alcance e rendimento. Galope poderoso, alcançando velocidade insuspeita, em cães de tal porte e peso. A movimentação do Fila Brasileiro é sempre influenciada por suas articulações, típicas do molossóide, o que, efetivamente, lhe permite súbitas e rápidas mudanças de direção.”. (PANAGIOTIDIS, Carlos. Acervo documental do autor).

Como pode-se perceber, as alterações ocorridas na descrição da movimentação do Fila Brasileiro, foram apenas na redação do texto em relação ao padrão oficial de 1976. As demais alterações realizadas no padrão 225/FCI, não alteraram o sentido acima expresso. Pelo exposto anteriormente, a estreita relação entre estrutura e movimentação, a função, e pela impossibilidade do Fila Brasileiro, em muitos casos, permitir ser tocado pelo árbitro, torna-se imprescindível avaliar a correta execução do trote em exposições, assim descrito:

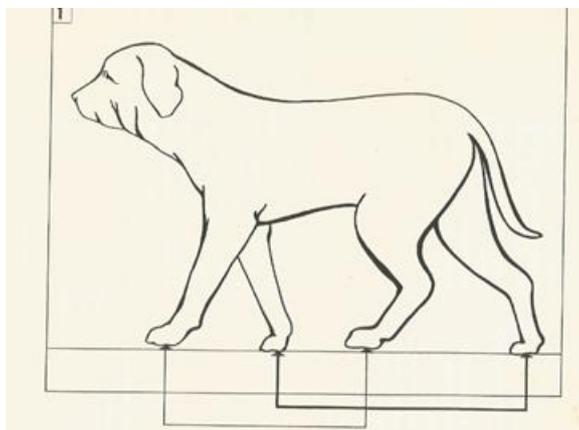
“Trote. Trata-se de uma movimentação de quatro “batidas” e dois tempos e também denominada como “bípede diagonal”. Nesse tipo de movimento, após a propulsão inicial, por exemplo, com o membro pélvico direito, imediatamente após, por um movimento de alcance com o torácico contralateral (no caso, o membro esquerdo) para que o cão não perca o equilíbrio dinâmico e caia; após, um membro pélvico e um torácico diagonalmente opostos tocam o solo simultaneamente, ou seja, batem ou pisam no chão ao mesmo tempo” (Manual de Estrutura e Dinâmica/CBKC. p. 126).

Apesar de ser um cão de trabalho e pelas angulações que deve possuir, o Fila Brasileiro não é um cão trotador, como por exemplo o Pastor Alemão, contudo, deve executar o trote como descrito no padrão. A avaliação da movimentação, entendida como movimento de locomoção, necessária em exposições caninas, deve ser efetuada pelo árbitro com atenção específica para a Raça Fila Brasileiro. Nesse sentido, o árbitro deve levar em consideração que o correto movimento conhecido como passo de camelo é executado simultaneamente pelos membros de um mesmo lado, vista lateral, em círculo; na mesma movimentação, observa-se a elasticidade e o alcance dos membros anteriores, além do correto posicionamento da cabeça; No movimento de ida, em linha reta a passo,

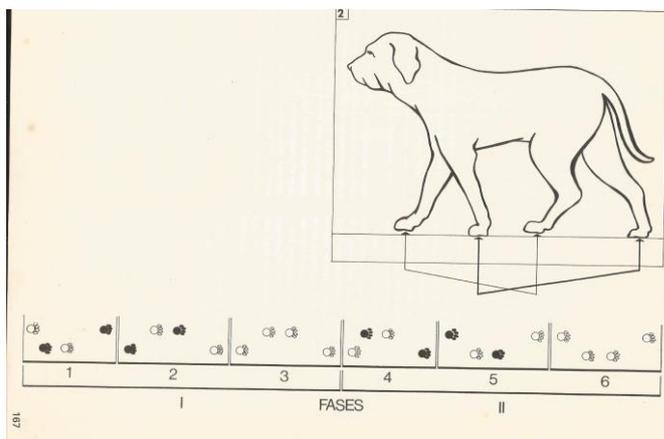
observa-se o gingado e o correto posicionamento dos membros posteriores e dos cotovelos; na volta em linha reta, observa-se o correto posicionamento dos cotovelos e dos membros anteriores.

A trote, em linha reta na ida e na volta, devem ser observados os corretos posicionamentos dos posteriores e dos anteriores. Por ser um cão do tipo frentes largas, o Fila Brasileiro deve demonstrar paralelismo de seus membros, também conhecido como trilha dupla, tanto no passo quanto no trote. É comum encontrar exemplares que na ida e na volta, a passo, apresentam certo paralelismo, mas que, quando submetidos ao trote, apresentam sérios desvios, o que constitui falta. Também é comum, encontrar exemplares que a passo, apresentam certo alcance dos membros anteriores, mas quando submetidos ao trote, o alcance mostra-se curto, também constitui falta.

“Para que se tenha uma visão geral do balanço e movimento do cão, é importante que ele seja avaliado tanto indo (visto por trás) e vindo (visto pela frente), quanto lateralmente. (...) observando-se o cão em movimento de ida e volta, o ponto chave é o plano formado pela pata torácica que toca o solo no momento do toque da pata pélvica contralateral (do outro lado), sendo tal característica de movimento válida para todos os cães que fazem trilha simples ou trilha dupla. Esse tipo de movimentação serve, ainda, para identificar determinadas faltas, tais como: “caranguejar” (movimento decorrente de propulsão maior que o alcance e no qual a frente do cão não fica no mesmo plano da sua parte de trás, parecendo, dessa forma, que se está movimentando lateralmente); remar (quando visto de frente, o cão faz, com o membro torácico, um movimento circular lateral ao eixo central do seu tronco); cotovelo para fora (o cotovelo é expulso lateralmente, afastando-se do tórax); pé para dentro (o pé se desloca muito medialmente na execução do movimento); jarrete de vaca (os jarretes se posicionam mais próximos do que deveriam, geralmente “expulsando” o pé pélvico para fora); jarrete para fora (o jarrete está muito voltado para a lateral durante a movimentação e, de forma compensatória, o pé pélvico coloca-se muito medialmente); joelho para fora (o joelho é deslocado para a lateral durante o movimento); e “escovar” os jarretes (os jarretes quase se tocam entre si).(...) Já na movimentação lateral, avaliada quando o cão anda em círculo ou, (...) quando é observado lateralmente objetiva-se examinar: o seu alcance, ação de “pilão” (propulsão do movimento), ação de “flap” (direção do movimento), ocorrência de sobrepasso (...), munheca cedida, carpeamento ou sela da linha superior por desequilíbrio entre angulações de membros torácicos e pélvicos” (Manual de Estrutura e Dinâmica. CBKC. p. 133).



(Figura 2. O passo de camelo e o porte incorreto da cabeça. VALLE & MONTE. 1981. p. 166)



(Figura 3. Trote e o paralelismo ou trilha dupla. VALLE & MONTE. 1981.p.167).

SEÇÃO III- ESTUDO DOS PADRÕES NO QUE TANGE À LINHA SUPERIOR E SUA RELAÇÃO COM A MOVIMENTAÇÃO

A avaliação do cão parado, observando a conformação da linha superior, da cernelha até a garupa; as angulações dos membros pélvicos e torácicos e a linha inferior relativos a cada padrão rácico, sugere ao árbitro como aquele indivíduo pode executar seus movimentos. Na locomoção, através do trote, a linha superior denuncia possíveis falhas estruturais ou evidencia a correta construção anatômica do cão. Exemplares da Raça Fila Brasileiro carpeados, apresentam propulsão maior que o alcance, assim como os que apresentam excessiva angulação dos membros posteriores, especialmente nos jarretes. Nesses casos (carpeados), o desequilíbrio manifesta-se no sobrepasso. Nos exemplares que apresentam a linha superior selada, tendo em mente que, o que sela é o lombo, o alcance dos anteriores é maior que a propulsão dos posteriores. Desta forma, é possível compreender a estreita relação entre uma correta linha superior e uma correta movimentação.

O Padrão Oficial de 1976, modificou o referencial espacial do padrão de 1946 no que diz respeito ao sentido da linha que era ascendente da cernelha para a garupa, em 1946, para descendente da garupa para a cernelha, conforme descrição a seguir:

“ Padrão de 1976. Linha Superior. Ombros bem angulados. As pontas das omoplatas, ao formarem a cernelha, não se juntam, mantendo-se, ao contrário, bastante separadas, resultando em cernelha baixa e plana. Dorso forte sem apresentar qualquer sela. Visto de trás, a linha superior deverá ser ligeiramente descendente da garupa para a cernelha.”. (VALLE & MONTE. 1981.p. 76).

O padrão de 1946, assim descreveu a linha superior:

“Ombros bem angulados. As pontas das omoplatas, ao formarem a cernelha, não se juntam, mantendo-se, ao contrário, bastante separadas, resultando em cernelha baixa e plana. Dorso forte, em linha ascendente da cernelha para a garupa, que é mais alta. Da ponta anterior do íliaco, a garupa desce suavemente, confundindo-se com a raiz da cauda.”. (VALLE & MONTE. p. 74)

O importante a ser notado é que em ambos a cernelha era descrita como baixa, em relação à garupa, e plana. Os ombros bem angulados, mas não havia definição de qual ângulo. O dorso descrito como forte.

O padrão oficial, 225 de 1984, descreve a linha superior como sendo:

“Linha superior: Cernelha inclinada, aberta, devido ao afastamento das escápulas, e ligeiramente mais baixa que a garupa. Após a cernelha, a linha superior muda de direção, ascendendo até a garupa, sem qualquer tendência a sela ou carpeamento.”. (PANAGIOTIDIS, Carlos. Acervo documental do autor).

A descrição da linha superior deste padrão, que é a descrição vigente até os dias atuais, apresenta modificação importante em relação à posição da cernelha, que deixa de ser plana, como nos padrões anteriores e passa a ser descrita como sendo inclinada. O que a racionalidade permite deduzir é que a direção da linha superior, correspondente ao trecho da cernelha é para baixo, portanto, a direção da linha da cernelha é descendente e que após a cernelha, a mesma linha, muda de direção, tornando-se ascendente até a garupa, sem qualquer tendência a sela ou carpeamento. Essa descrição apresenta a ideia de mudança de direção da linha superior do Fila Brasileiro que não pode ser confundida com a ideia de mudança de direção presente na descrição da movimentação, na exata medida em que possuem referenciais espaciais completamente diferentes. A linha superior muda de direção longitudinalmente, ou seja, deixa de ser descendente e passa a ser ascendente. As súbitas e rápidas mudanças de direção referentes à movimentação, ou seja, à locomoção, dizem respeito aos movimentos descritos no padrão (passo de camelo, trote e galope) e são mudanças laterais, ou seja, para a direita ou para a esquerda, facilitada pelo balanço lateral da coluna vertebral, ou também conhecido como o gingado do Fila, pelo afastamento das escápulas e pelo bom arqueamento das costelas.

A compreensão desses referenciais espaciais não foi e, ainda, não é tão fácil para muitos criadores e até para alguns teóricos da Raça Fila Brasileiro. Paulo Santos Cruz, protagonista significativo da Raça Fila Brasileiro, um dos autores do primeiro padrão oficial da raça, o de 1946, dedicado à raça, escreveu diversos textos e possuindo uma legião de seguidores, assim tentou explicar a linha superior do Fila Brasileiro:

“ A gíria cinófila denomina “selado” o dorso que cedeu, ou afundou, afastando-se da horizontalidade, como acontece nos cavalos de montaria, já velhos, e sem mais tônus muscular suficiente.

A característica marcante desse defeito é o dorso côncavo, da cernelha à garupa, como uma rede.

O Fila tem dorso em duas linhas retas convergentes. A primeira desenha a cernelha, prolongando-se até, mais ou menos, a oitava vértebra; a segunda ascende, desse ponto, em aclave até a garupa, ou melhor, até ao ílio ou ponta anterior do íliaco. O lugar onde essas duas linhas se encontram, vale dizer, em

torno da oitava vértebra, recebe o nome, também na gíria, de “dobradiça”. Desse ponto para traz seu corpo bamboleia diferentemente da parte dianteira.

Alguns Filas apresentam a “dobradiça” tão rebaixada, dando a impressão, para os menos versados, de ser o dorso selado. A diferença é grande. O ponto de convergência ou “dobradiça” é que é baixo, mas as duas retas estão presentes. Não há curva ou sela.

Procura-se evitar o defeito “dorso selado” através de acasalamentos que arredem suas principais causas: tórax curto, esterno curto, flanco longo, coluna fraca.

Num cão bem construído, o tronco, entre os membros dianteiros e traseiros, deve ser ocupado, em maior porção, pelo tórax e, em menor, pelo flanco e abdômen. Isto porque a construção do tórax distribui melhor pesos e pressões. A coluna vertebral, no trecho torácico, conta com o apoio das costelas e estas, por sua vez, descarregam o peso sobre o esterno (osso do peito). Assim, a carga dos órgãos contidos pelo tórax é distribuída entre 11 pares de costelas, ou 22 pilares que, embora não perpendiculares, realizam bem a função de sustentáculos. Os dois últimos pares de costelas são as qualificadas como “falsas”, não descendo até o esterno.

Já no trecho do flanco, o peso dos órgãos do abdômen, além de maior que o dos torácicos, não conta como o auxílio das costelas, nem com amparo do esterno. Todo ele é suportado única e exclusivamente pela coluna vertebral. O abdômen é virtualmente pendurado na coluna. Se esse trecho for comprido, aumenta a possibilidade de a coluna vertebral selar. Do ponto de vista arquitetônico, a construção do cão equivale à de um viaduto, tendo seu leito carroçável (dorso) apoiado em dois pares de pilares (pernas). Quanto mais afastados estiverem esses pilares, maior será o trecho sem esteio inferior, portanto, suscetível de selar. Geralmente esse defeito está presente nos tipos baixos e longos, pernas curtas e corpo comprido, encontrados entre os híbridos de Fila com Mastim Napolitano. (...). (PANAGIOTIDIS, Carlos. Acervo documental do autor).



(Figura 4. Parte integrante do documento citado acima.).

Para a interpretação do documento, a pesquisa apropriou-se da metodologia conhecida como: “Análise do Discurso” que consiste em dispositivo que se baseia na linguagem, no sujeito, na História e na ideologia. O discurso, nessa perspectiva, é o lugar em que se pode observar a estreita relação entre linguagem e ideologia. A linguagem pode ser a verbal escrita e a não verbal (imagens).

A análise do discurso parte da identificação do sujeito, o Fila Brasileiro. A História da Raça passa no final dos anos 70 e início dos anos 80 do século XX por transformações significativas. O ano de 1978 marcou cisão na cinofilia brasileira e na Raça Fila Brasileiro. Padrão racial não oficial foi elaborado no mesmo ano.

A leitura exploratória, realizada inicialmente na presente pesquisa, dos periódicos produzidos pelos dissidentes, após a cisão, visava encontrar subsídios técnicos para explicar a importância da avaliação dos movimentos de locomoção do Fila Brasileiro: passo de camelo e trote em exposições caninas. À primeira vista, nenhuma matéria específica sobre o tema foi encontrada, nenhuma análise técnica que explicasse a relação entre estrutura e dinâmica, especialmente as angulações corretas do Fila Brasileiro. A pesquisa seguiu, com o aprofundamento das leituras, e permitiu concluir que o foco das matérias eram: Fenótipo, Temperamento e Miscigenação. Nas raras oportunidades em que a movimentação do Fila Brasileiro era abordada, a descrição dos padrões oficiais (de 1946 e 1976), eram simplesmente reproduzidas, sem que houvesse qualquer análise profunda da relação: estrutura e dinâmica.

A pesquisa revelou que o primeiro padrão não oficial (1978), apresentava na descrição da linha superior do Fila Brasileiro o seguinte texto:

“Cernelha aberta e baixa, dado o afastamento das omoplatas, todavia deve ser perfeitamente aparente, em linha inclinada. No ponto em que termina (dobradiça) a linha superior muda de direção, ascendendo suavemente, em reta, até a ponta anterior da garupa (ílio). A linha superior é, portanto, formada por duas retas: uma até o final da cernelha, outra até a garupa.”. (PANAGIOTIDIS, Carlos. C. Acervo documental do autor).

Seguindo com a análise do discurso, notam-se nas diversas matérias jornalísticas da época uma ação doutrinária pela dissidência que caracteriza a ideologia presente nos textos, utilizando a influência cinófila de Paulo Santos Cruz. No Padrão não oficial, aparecia pela primeira vez a expressão “Dobradiça”, e junto com a expressão, aparecia uma descrição diferente para a linha superior do Fila Brasileiro. A cernelha descrita como inclinada e a linha superior formada por duas linhas retas. Esta descrição permanece no padrão não oficial atual. O que pode ser deduzido, pela descrição acima, é que a imagem que os elaboradores do padrão alternativo possuíam do Fila Brasileiro era de que a primeira linha, correspondente à cernelha era descendente e interrompida por um ponto, a “Dobradiça”, onde mudava de direção e tornava-se ascendente. Esta compreensão confirma-se pela figura 4.

A pesquisa buscou identificar o objeto da abordagem de Paulo Santos Cruz no texto citado na página 12, o público alvo, já que se tratava de boletim informativo, os objetivos (o que o autor pretendia demonstrar) e os referenciais teóricos da autoria. O objeto da abordagem, ou do que trata o texto, é identificado no título: “*Os defeitos que causam o dorso selado*”. O subtítulo é uma apresentação do autor feita pelos editores do periódico: “*Neste artigo, o Dr. Paulo Santos Cruz mostra que o dorso selado é resultado de uma série de outros defeitos, como tórax e esterno curtos, flanco longo e coluna*”.

fraca.”. O público alvo é um certo grupo social que tem suas origens relacionadas à própria origem do Fila Brasileiro, nas fazendas, no campo. A utilização pelo autor de linguagem como, comparar o dorso selado de um Fila a um dorso selado de um cavalo de montaria mais velho ou a uma rede de descanso, que quando pendurada em uma varanda descreve uma curva, ou ainda, comparar a coluna vertebral do Fila ao leito carroçável de um viaduto evidenciam o público alvo de Paulo Santos Cruz. O objetivo era demonstrar que o dorso correto do Fila não poderia desenhar uma curva e por isso, afirmar que o dorso desenhava duas linhas retas.

Apesar de parecer profundo, o autor não deixa claro seus referenciais teóricos, ou seja, em que bases seu conhecimento se sustenta, se apenas pela vivência, é pouco. O conhecimento empírico, o da vivência, é fundamental, mas não consegue explicar toda a realidade. No 6º parágrafo, quando se refere ao cão bem construído, o autor não explicou que um cão bem construído deve possuir corretas angulações de seu arcabouço ósseo, para desempenhar corretamente suas funções. Aliás, as corretas angulações do Fila Brasileiro constituem tema pouco aprofundado. Questões como, que alterações na movimentação estão associadas às angulações maiores ou menores que 90 graus (escápulo-umeral), que alterações ocorrem em exemplares com angulações dos membros pélvicos não moderados, simplesmente não são abordadas. Os temas exaustivamente abordados são: cor, temperamento, miscigenação e cabeça. Ainda assim, é possível concordar parcialmente com o autor quanto às razões que favorecem ao aparecimento do dorso selado: coluna fraca, tórax curto e esterno curto. Entretanto, a concordância com esses fatores, está fundamentada no importante trabalho de pesquisa sobre a estrutura e dinâmica dos cães, o Manual de Estrutura e Dinâmica da CBKC. O referido Manual acrescenta outros fatores, mas destaca que o “dorso selado” é uma terminologia técnica, e não uma gíria, para referir-se à região lombar, portanto, o que sela é o lombo. “Dobradiça” é gíria. Equiparar uma expressão técnica à uma gíria evidencia a intencionalidade manipuladora de justificar a impropriedade e a inadequação técnica da expressão “Dobradiça”.

Se o objetivo era demonstrar o que causa um dorso selado, o autor criou um grave embaraço aos elaboradores do padrão alternativo, ao tornar ainda mais assimétrica a ideia de duas linhas retas. Ainda hoje, passados 36 anos, criadores de Fila Brasileiro discutem: “Afinal, onde está a dobradiça? ”. O Padrão não oficial a localiza logo após a cernelha, mas Paulo Santos Cruz afirmava que alguns Filas possuem a “dobradiça” por volta da 8ª vértebra. As incongruências de Paulo Santos Cruz ficam ainda mais evidenciadas quando o autor se refere às duas linhas retas como convergentes a um ponto, a “dobradiça”, que não precisa ser fixo, pode ser logo após à cernelha ou muito após (8ª vértebra).

A incoerência explícita está na falta de referenciais espaciais. Primeiro, na descrição não oficial as duas linhas retas são descritas no sentido longitudinal, ou seja, da cernelha para a garupa. Uma linha desenha a cernelha, descendendo até o seu final até encontrar a “dobradiça” e a outra linha ascende até a garupa. Depois as duas linhas retas são promovidas à condição de convergentes, por Paulo Santos Cruz, encontrando-se na “dobradiça”. As noções básicas de geometria, garantem a afirmação de que duas retas para serem convergentes, devem partir de pontos diferentes e encontrar-se em um ponto, desde que não sejam paralelas, é óbvio. Portanto, para que as duas linhas retas sejam convergentes, a primeira deve partir do início até o final da cernelha e a segunda, da

garupa descendendo para a cernelha. Assim as duas linhas retas serão convergentes. Ainda, cabe dizer que segundo o conhecimento matemático, consagrado universalmente como conhecimento verdadeiro e comprovado, linhas retas não mudam de direção, senão quando compreendidas como figuras poligonais (vários ângulos), o que não se aplica à linha superior do Fila Brasileiro. A assimetria de ideias, típicas do senso comum, comprova a incongruência do conjunto: “Duas linhas retas e dobradiça”.

A pesquisa descobriu que imagens podem ser manipuladas pelo Homem na sua tentativa de criar representações da realidade. A realidade em questão é o Fila Brasileiro, o cão real que está à frente do árbitro de exposições caninas. A figura 5 é um polígono, trata-se de uma linha quebrada, composta por segmentos de retas que possuem diversas direções. A figura não representa a correta linha superior do Fila Brasileiro.



(Fig. 5. Linha poligonal quebrada. Manipulada)

A linha acima pode ter um refinamento de manipulação, se um recorte, com a ajuda das artes gráficas, for ideologicamente e intencionalmente realizado como interferência Humana na realidade, o cão real, produzindo a representação que consta na parte superior da figura 4. A construção dessa imagem e do Mito, ou seja, o conjunto: duas linhas retas e a “dobradiça”, permitiu que Bruno Tausz, então diretor cinotécnico da CBKC, construísse, em seu dicionário de cinologia, publicado em 1997 pela editora Nobel, o primeiro significado expresso de “dobradiça”, descrita como: “*a quebra ou interrupção da linha superior do Fila Brasileiro.*”. A figura ilustrativa de uma modelagem de um Fila para descrever essa quebra, é representativa da raça, entretanto, O Fila da imagem não possui essa quebra, mas o autor desenha duas linhas retas suspensas no ar, acima do cão real, em nítido exercício de ilusionismo, com vértice marcado por um ponto.

No início dos anos 90 do século passado, o padrão oficial vigente era o de 1984. Contudo, em 1993, foi publicado o Manual de exposições de Bruno Tausz. A obra tratava-se de um guia de consulta rápida, de um resumo dos padrões das raças mais presentes no Brasil naquele contexto. Não eram os padrões oficiais que estavam ali expressos, apenas resumos do autor. No resumo da Raça Fila Brasileiro, aparece a expressão “Dobradiça” (página 89). A expressão tecnicamente imprópria e inadequada será doravante, na presente pesquisa, substituída pela expressão “quebra”.

No padrão oficial da Raça Fila Brasileiro, publicado pela CBKC em 10/04/1994 (o mesmo padrão 225 de 1984) aparece uma nota, na primeira página, em que a CBKC aguardava uma figura representativa da raça desde 1992. A inclusão dessa imagem dependia do então Conselho Nacional da Raça. Na segunda página aparece uma nota: “**IMPORTANTE:** Do padrão oficial consta somente o texto original. Os desenhos e os comentários não fazem parte e foram feitos, apenas, para gerar uma facilidade”. Quem assinou a nota foi Bruno Tausz.

Vários árbitros foram formados nesse contexto e muitos criadores baseiam-se nas ideias contidas nele. Assim, mesmo reconhecendo que expressões e ideias incongruentes, carregadas de apelo doutrinário, foram sendo repetidas à exaustão nos últimos 38 anos, elas já fazem parte do conhecimento de senso comum, portanto do conhecimento empírico, da maioria dos criadores de Fila Brasileiro não apenas no Brasil, mas também no exterior. Admitindo que a desconstrução de Mitos encontra resistências, principalmente, quando o “Meu Fila” deixa de ser “O Fila” e passa a ser “Eu Mesmo”, a presente pesquisa não pretende apagar do imaginário coletivo e muito menos calar quem já possui essas expressões incorporadas ao seu vocabulário específico, mas visa, minimamente, provocar reflexões em criadores, árbitros e na comunidade cinófila em geral, a respeito da correta linha superior do Fila Brasileiro e sua relação com a correta movimentação.

SEÇÃO IV- OS EFEITOS DA QUEBRA DA LINHA SUPERIOR NA MOVIMENTAÇÃO DO FILA BRASILEIRO E A EVENTUAL OCORRÊNCIA DO AMBLE

Alguns Filas, mal construídos, apresentam dificuldades em trotar. Existem casos em que o exemplar executa o passo de camelo rápido, assim chamado por seus criadores. Na verdade, trata-se do movimento conhecido como Amble, o exemplar dá a impressão de executar o movimento bípede em diagonal (trote) mas na realidade executa o movimento bípede lateral. O Amble é assim descrito pelo Manual de Estrutura e Dinâmica da CBKC:

“Amble ou Passo Ligeiro Corresponde a uma movimentação intermediária entre o passo e o trote e na qual ocorre uma acomodação do movimento numa velocidade maior que no passo e menor que no trote. Embora movimente os membros de um mesmo lado para, somente após, movimentar os do outro lado, ele o faz retirando o pélvico do chão num instante de tempo anterior ao da retirada do torácico ipsilateral. Geralmente constitui falta. (Manual de Estrutura e Dinâmica. CBKC. p. 128)”. Vídeo demonstrativo disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=w_vlBltcM3s.

Nos exemplares da Raça Fila Brasileiro que executam esse movimento, a retirada do chão do membro pélvico, instantes antes da retirada do membro torácico ipsilateral, já pode ser verificada no passo de camelo, decorrente de excessivas angulações dos membros pélvicos. Nesses casos (Amble), o indivíduo parece saltitar, pois o excesso de propulsão gerado pelos membros pélvicos não é acompanhado pelas angulações excessivamente abertas dos membros torácicos, demonstrando pouco alcance e evidenciando a quebra na linha superior, em nítido desbalanceamento e desequilíbrio do

conjunto anatômico. Já os exemplares que mesmo possuindo excessivas angulações dos membros posteriores, mas por terem correta angulação de ombro e não apresentando a quebra na linha superior, o Amble não é identificável. O Fila Brasileiro deve possuir angulações dos membros posteriores moderadas, mas angulações excessivas são encontradas em algumas linhas de sangue.

A Natureza dotou Filas mal construídos, da possibilidade de movimentarem-se dessa forma como um reequilíbrio do desequilíbrio de sua construção anatômica. O Amble nunca foi e não é movimento típico da Raça Fila Brasileiro. Nenhum dos padrões oficiais e não oficiais descreveu esse movimento como típico da raça, portanto, constitui falta. Mas além do Amble, o trote, movimento bípede em diagonal desses indivíduos, não se mostra como o descrito por todos os padrões oficiais da raça como sendo fácil, suave, livre, de passadas largas com bom alcance e rendimento. Pelo contrário, apresentam pouco alcance dos membros torácicos, portanto, passadas curtas. Na maioria das vezes, a avaliação exclusiva do movimento do passo de camelo, não é suficiente para identificar tal falta.

O que a movimentação em trote denuncia é a má construção anatômica. Desta forma, a linha superior do Fila Brasileiro que foge à descrição do padrão oficial da raça, tanto na avaliação do cão parado ou em movimento, é um indicativo de falhas na construção anatômica.

Alguns exemplares possuem uma quebra da linha superior do dorso propriamente dito, por volta da 8ª vértebra, que não se assemelha à interrupção da linha superior, tecnicamente compreendida na região da junção do dorso com o lombo, dando a impressão de ser aquele indivíduo, partido ao meio. A grande maioria dos exemplares da Raça Fila Brasileiro não possui tal característica. Essa característica está presente, em algumas linhas de sangue, no imaginário e no vocabulário específico de criadores, mas não todos. Consiste em um dorso cedido em um ponto. Não é um lombo selado, que também é chamado de dorso cedido, a quebra aparece pouco antes das últimas apófises dorsais e sugere possuir uma posição anticlinal. As primeiras apófises clinais (Dorsais), estão inclinadas para trás, mas a partir da 8ª vértebra, as últimas apófises dorsais aparentam possuir uma inclinação para a frente (anticlinais), como as apófises lombares. Este é o ponto da “quebra”, que pode causar sérios danos à saúde do Fila Brasileiro e dificultar os movimentos de locomoção.

A quebra do dorso, propriamente dito, do Fila Brasileiro é decorrente de vários fatores, isolados ou associados como por exemplo: ligamentos e músculos frágeis da coluna vertebral no ponto da quebra. Na maioria das vezes essa característica aparece associada a costelas pouco ou mal arqueadas e ombros abertos, ou seja, angulação escapulo-umeral maior que 90°. Daí exigir-se cotovelos bem ajustados ao tórax e úmero de igual tamanho em relação à escápula. O peito é pouco profundo e excessivamente curto. Em virtude de arqueamento incorreto de costelas, a escápula pode estar deslocada para a frente, independentemente da sua angulação, o que diminui o ante peito e o peito, encurtando o pescoço, além de tornar a inclinação da cernelha excessiva. “ *O arqueamento incorreto das costelas (caixa torácica muito estreita), somado a um ombro de ângulo aberto, diminui a sustentação da espinha vertebral e, como consequência, o cão pode apresentar uma linha superior selada; esse defeito causa transtornos de*

equilíbrio.”. (Manual de Estrutura e Dinâmica. CBKC.p.86). O padrão oficial da Raça Fila Brasileiro, em seu texto, é claro na descrição do pescoço, definindo-o como extraordinariamente forte e musculoso, dando a impressão de curto. Isso não significa que o pescoço deve ser curto, ele apenas dá a impressão. A melhor maneira de identificar um pescoço excessivamente curto é a ausência do ligeiro arqueamento, que deve existir na linha superior do pescoço.

No texto de Paulo Santos Cruz, presente na seção III do presente artigo nota-se a concordância das razões de um dorso selado com o Manual de Estrutura e Dinâmica da CBKC: coluna fraca e esterno curto. Contudo, o protagonista da Raça, em nenhum momento explicou o porquê de alguns exemplares, não todos, possuírem a característica da quebra na altura da 8ª vértebra, e se a mesma é típica da raça ou não. Paulo Santos Cruz não abordou a relação entre o correto arqueamento das costelas e as corretas angulações do Fila Brasileiro. No 1º parágrafo, referia-se ao dorso selado como um dorso cedido, que afundou. No 3º e 4º parágrafos, referiu-se à quebra da linha superior do Fila Brasileiro na 8ª vértebra como um ponto “tão rebaixado”. Esse ponto, tão rebaixado, na 8ª vértebra, é também, evidência de dorso cedido no ponto da quebra, pelas razões técnicas, referendadas por referenciais científicos expostos na bibliografia do Manual de Estrutura e Dinâmica da CBKC. No final do 3º parágrafo, Paulo Santos Cruz afirma que desse ponto para traz (quebra) seu corpo bamboleia diferentemente da parte dianteira. O imaginário individual pode ser de difícil compreensão para a racionalidade técnica, mas em nenhuma circunstância, a imagem do Fila Brasileiro ideal pode ser a imagem de um quasímodo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente conclusão é do tipo prescritiva, portanto, pretende ser uma sugestão de técnica de julgamento da movimentação da Raça Fila Brasileiro em exposições caninas. Não pretende ser verdade absoluta e acabada. A Raça Fila Brasileiro merece novos estudos científicos a seu respeito. Novas pesquisas, que se utilizem de métodos diferentes dos que aqui foram adotados, são bem-vindas.

A hipótese construída não foi comprovada pela pesquisa na literatura disponível a respeito da Raça Fila Brasileiro. Não existem razões prováveis, coerentes e consistentes, até o presente momento, que justifiquem, tecnicamente, o não julgamento em exposições caninas, do passo de camelo, que é característica rática marcante. Também não existem as mesmas razões citadas anteriormente para que o Fila Brasileiro não seja julgado a trote.

No trote, o Fila Brasileiro mostra-se como um todo, por inteiro, ficando evidenciadas suas qualidades ou denunciadas suas falhas de construção. O trote revela a estrutura, a musculatura e as angulações equilibradas, próximas à perfeição. Classifica-se como um trote de bom rendimento, aquele que percorre grandes espaços de terreno, com passadas largas, suaves, fáceis, livres, equilibradas, sem que o cão demonstre cansaço ou esforço extraordinários.

O Fila Brasileiro deve ter o seu movimento de locomoção julgado, em exposições caninas, a passo e a trote. Ida e volta a passo. Ida e volta a trote. Vista lateral a passo e Vista lateral a trote. No movimento de Ida em linha reta à passo, o árbitro deve observar o gíngado do Fila, ou seja, o balanço lateral do tórax e dos quadris, que é o que lhe permite as súbitas e rápidas mudanças de direção, associada ao afastamento das escápulas e ao bom arqueamento das costelas. Tanto a passo quanto a trote, o árbitro deve avaliar o correto paralelismo dos membros pélvicos e torácicos, tanto na Ida como na Volta em linha reta. Na vista lateral em círculo a passo, o árbitro deve avaliar a correta execução do passo de camelo, considerando a simultaneidade dos membros em movimento e o porte correto da cabeça. A trote, o árbitro deve avaliar a suavidade, a facilidade e o bom alcance e rendimento. Na impossibilidade de se tocar o cão parado, a avaliação do trote, pelo árbitro, torna-se imprescindível.

Nenhuma quebra na linha superior do Fila Brasileiro deve ser desejável, por representar indício seguro, confiável de má construção anatômica, que poderá ser constatado com a avaliação do cão em movimento, especialmente à trote. Pelas angulações corretas que deve possuir, escápulo-umeral a 90 graus e posteriores moderados, o Fila Brasileiro não é um trotador como outras raças, mas deve executar o movimento como descrito no padrão, sua função é o trabalho. Qualquer característica que não estiver descrita no padrão oficial, o padrão 225 CBKC/FCI, deve ser considerada falta.

Nas mesmas condições, comparativamente, o Fila Brasileiro melhor construído anatomicamente, será o que demonstrar, sempre, o menor esforço para executar os movimentos. Amble, movimento identificável, mas não característico da raça não é passo de camelo nem trote e é falta.

Mesmo considerando que cada criador possui liberdade nas suas escolhas, o padrão oficial, referendado pelo comitê científico da FCI, serve de parâmetro confiável para a criação de cães de raça pura. Nesse sentido, tudo que foge à descrição do padrão oficial é falta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- 1) **Associação Brasileira de Normas Técnicas**. NBR 6023/2002; NBR 6024/2003 e NBR 6028/2003. ABNT. Rio de Janeiro, 2003.
- 2) **CBKC. Manual de Estrutura e Dinâmica**. Conselho Cinotécnico da CBKC. 4ª edição. CBKC. 2013, RJ. Elaborado por Claudio Nazaretian Rossi e revisado por Jayme Martineli. Disponível em: http://www.cbkc.org/pdf/manual_ed.pdf . Acesso em: 15/01/2016.
- 3) **CBKC, Padrão Oficial da Raça Fila Brasileiro**. Padrão 225/FCI de 10 de março de 2004. Disponível em <http://www.cbkc.org/padroes/pdf/grupo2/filabrasileiro.pdf>. Acesso em: 15/01/2016
- 4) **Dicionário de Cinologia**. Bruno Tausz. Ed. Nobel. SP. 1997.
- 5) GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. Ed. Atlas. SP. 2002
- 6) PANAGIOTIDIS, Carlos. **Acervo Documental do Autor**. Fontes primárias: periódicos e padrões. Período da coleta: entre 1978 a 2016.
- 7) PANAGIOTIDIS, Carlos. **Acervo Documental do Autor**. Fonte secundária: Manual de Estrutura e Dinâmica da CBKC. 1987.
- 8) MARTINS, Jorge Santos. **O Trabalho com Projetos de Pesquisa**. Ed. Papirus. SP. 2002.
- 9) SCHON, Donald. **The Reflective Practitioner**. Ed. Basic Books. Nova York.1983.
- 10) VALLE, Procópio de & MONTE, Enio. **O Grande Livro do Fila Brasileiro: (Quatro séculos da História do Brasil)**. Ed. Brasels – Wallace. RJ.1981.
- 11) Vídeo demonstrativo do “amble”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w_vlBIcm3s . Acesso em: 20/03/2016.
- 12) Vídeo demonstrativo da diversidade de procedimentos técnicos no julgamento da movimentação da Raça Fila Brasileiro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VnpSLvXgR00> . Acesso em: 15/01/2016.

Nota: As fontes documentais primárias e secundárias encontram-se disponíveis em apêndice do presente artigo. Constituem-se de textos de periódicos e padrões, assim como o manual de estrutura e dinâmica da CBKC de 1987.